

## As Manifestações Ideológicas da Caça em Atenas nos V<sup>o</sup> e IV<sup>o</sup> séculos a.C.

---

*Denise Milon del Peloso*

### *Résumé*

*Le but de cet article est de procéder à une analyse, à partir du traité de chasse de Xénophon, de quelques valeurs fondamentales pour la société athénienne aux V<sup>ème</sup> et IV<sup>ème</sup> siècles av. J.C, présentes dans l'activité cygénétiq. Nous essayerons de montrer qu'au long de son exposition, Xénophon cherchait à mettre en évidence quelques principes qui pourraient contribuer à la récupération du prestige aristocratique ainsi que de son hégémonie, perdus lors de l'instauration de la démocratie.*

Nosso objetivo neste artigo é duplo. Procuramos num primeiro momento destacar na obra *A Caça* de Xenofonte alguns valores ligados aos aristocratas e veiculados na sociedade ateniense. Desde já gostaríamos de esclarecer que embora vários tipos de caça (subsistência, heróica e nobre) estejam presentes seja em documentos textuais, seja em representações imagéticas, Xenofonte fala no seu tratado sobretudo a respeito da caça heróica e da caça nobre, praticada pelos aristocratas. Ao fazer isso, ele está querendo privilegiar alguns valores deste grupo social que busca recuperar seu prestígio e hegemonia perdidos com a democracia. Num segundo momento procuramos mostrar a diferença de mensagens existente entre o tratado de Xenofonte e a documentação imagética (cujas representações são sobretudo de caça heróica), e analisar de que forma eles são aproximados com o intuito de transmitir uma ideologia de superioridade dos *aristoi*.

O V<sup>o</sup> século, conhecido pela historiografia, como o momento de apogeu da democracia em Atenas, também pôde ser marcado pela perda de prestígio político da aristocracia. Embora haja controvérsias a respeito disso acreditamos que, conscientes de sua fraqueza, os nobres reagiram

procurando reafirmar a identidade do seu grupo, como o haviam feito seus ancestrais quando da implantação do regime democrático. De que forma? através de manifestações artísticas como a poesia, o teatro e as imagens na cerâmica, de práticas esportivas como as competições e a caça e provavelmente de rituais religiosos quando, em muitas situações, os *aristoi* ocupavam um lugar social privilegiado.<sup>1</sup>

Por questões metodológicas, procuraremos analisar somente a prática da caça em Atenas no período por nós estudado e, mais precisamente, como esta era percebida por Xenofonte. De fato, este aristocrata do IV<sup>o</sup> século escreveu um tratado sobre a caça mostrando tudo o que ela poderia trazer de positivo para as pessoas que a praticavam e para a sociedade. A prática cigenética é relatada na literatura desde o VIII<sup>o</sup> século (poesias de Homero) e, ao que parece, o exercício desta não se extinguiu mesmo após a mudança de regime, servindo como preparação de alguns grupos sociais para a guerra. O que estaria então representando Xenofonte ao escrever tal tratado? Provavelmente não resgatar o valor do esporte já que ele era considerado fundamental para o bom desenvolvimento do cidadão, como atesta Alain Schnapp.

Baseando-se em alguns textos do IV<sup>o</sup> século, Platão, Isócrates e Aristóteles, ele explica que a caça era um dos fundamentos da vida em sociedade, uma prática que permitia distinguir os homens dos animais e ainda os gregos dos bárbaros e os cidadãos dos escravos.<sup>2</sup> A caça era educadora e por isso constituía um elemento essencial da *paidéia*. Ela auxiliara em tempos remotos os homens a distanciar-se do mundo selvagem controlando seus excessos e, também por isso, pôde-se erigir uma sociedade. A *pólis* para os helenos, como explica ainda Alain Schnapp, era expressão de uma vida social organizada e regulada e, para manter esse equilíbrio, a *paidéia* (e dentro dela a caça) era fundamental, representando a “coluna vertebral” de todo o sistema.<sup>3</sup> No dizer dos autores antigos, a caça auxiliava na adaptação do indivíduo à sociedade, tornando-se portanto compreensível a extrema importância que ela tinha. Acreditamos que o que Xenofonte objetivava ao escrever seu tratado era recuperar o prestígio que o seu grupo social possuía no período arcaico.

Ao resgatar um pouco da prática cigenética dos heróis, mostrando o quanto ela era apoiada pelos deuses e ao associá-la por vezes aos nobres como costumava fazer Homero, acreditamos que Xenofonte estava tentando revalidar pelo menos a nível do imaginário a idéia de que só os aristocratas estavam preparados para praticar o melhor tipo de caça e portanto capazes de liderar a comunidade. De qualquer forma, ele ressaltava a idéia de que todos os jovens cidadãos deveriam valorizar tanto a caça

quanto a instrução em geral pois era graças a elas que eles poderiam se destacar na guerra assim como em todas as artes que exigem reflexão, boas palavras e bons atos.<sup>4</sup>

Ao que parece, Xenofonte reconhecia a importância de que todos independentemente do nível social precisavam ter acesso à boa caça já que ela era portadora de valores fundamentais para a sociedade. Poderíamos deduzir a partir daí que este representante do grupo aristocrático e provavelmente seus colegas concordava com a idéia de que todos precisavam receber uma boa educação. Acreditamos que a princípio renitentes com relação às novas práticas democráticas, os nobres foram aos poucos aceitando algumas das idéias divulgadas pelo novo regime político até por questão de sobrevivência. Afinal, era necessário adaptar-se à nova situação mesmo que de forma parcial. É claro que Xenofonte tinha muitas críticas a fazer a respeito da democracia já que ela fôra, no seu entender, responsável pela perda do prestígio do seu grupo social e pelos problemas enfrentados pelos atenienses no V<sup>a</sup> e sobretudo no IV<sup>a</sup> séculos (guerras, traição, desrespeito por parte dos cidadãos...). Contudo, ele procuraria justificar tal escolha mostrando que com o novo sistema o povo poderia participar mais e ter mais direitos, o que era louvável já que os mais pobres constituíam o grosso da população.<sup>5</sup>

Todavia, da mesma forma que era compreensível que aristocratas como Xenofonte procurassem valorizar alguns aspectos da democracia, era perfeitamente justificável sua tentativa de resgatar sua superioridade e identidade na sociedade.

Na literatura de Homero, os heróis que lutavam na guerra praticavam a caça e eram oriundos de meios aristocráticos. Tentamos deduzir a partir daí que os poemas desse escritor do VIII<sup>a</sup> século tinham como um dos seus objetivos consolidar a idéia na sociedade de que os nobres eram superiores porque praticavam a caça e por isso eram excelentes guerreiros, semelhantes aos heróis.

A caça vista nestes relatos poderia ser classificada como heróica já que vimos homens descritos como sendo suficientemente valorosos para matar sozinho animais ferozes como o leão ou o javali. Quando analisamos o tratado de Xenofonte escrito no IV<sup>a</sup> século, percebemos a presença no tratado de vários tipos de caça, como já foi dito no início do artigo. Há relatos de caça heróica em que os heróis caçam javalis ou leões sozinho e sem armadilha e de caça nobre, praticada pelos aristocratas em grupo com armadilhas e técnicas específicas longamente estudadas. Os nobres no tratado caçam javalis e lebres, entre outros, e embora estas últimas estejam normalmente associadas à caça de subsistência, no tratado isso

adquire uma conotação diferente. Ao que parece, o que mais interessa não é o tipo de animal que se caça (lebres podiam ser caçadas por todos, eram presas fáceis) mas os valores que são ressaltados e aprimorados a partir de sua prática

Ao não fazer referência à caça de subsistência, acreditamos que Xenofonte queria mostrar que só os que caçavam por prazer e *techné*, para mostrar e aprimorar suas virtudes eram os melhores. A caça do dia a dia não teria assim valor mas somente a que era associada ao nobre ou herói. Assim, ao mostrar que na atividade cigenética os valores dos que a praticavam eram semelhantes aos dos heróis, ele procurava na verdade mostrar (como o havia feito Homero) que os *aristoi*, que caçavam como forma de lazer, eram superiores àqueles que caçavam na procura de alimentos.

Acreditamos que o tratado mostra a visão que Xenofonte tinha da sociedade, mas não podemos afirmar se a representação desse autor sobre a caça é a mesma de outros cidadãos ou de outros grupos pois não temos textos do mesmo tipo. Os relatos escritos (literários) ou visuais (artísticos) nos mostram visões da sociedade, da cultura impregnadas de ideologia. Acreditamos que ao escrever um tratado sobre a caça, Xenofonte buscava recuperar alguns valores arcaicos que ele julgava terem sido perdidos com a democracia, valores estes que estavam diretamente associados, no nosso entender, ao seu grupo social.

Não podemos também esquecer que no IV<sup>o</sup> século, Atenas já tinha perdido grande parte do seu prestígio e poder. Os tempos áureos da supremacia pareciam estar cada vez mais sendo substituídos por derrotas em guerras, denúncias de corrupção e outros escândalos que poderiam abalar a sociedade. Nada parecia mais fazer lembrar os momentos de glória e riqueza existentes no período arcaico e diante desta situação, autores como Xenofonte, ao que parece, procuraram mostrar que somente com o retorno a algumas práticas antigas a *pólis* voltaria a ser próspera. E, logicamente, os aristocratas como representantes dos valores desta época de grande crescimento, poderiam e deveriam ser os guias para o retorno ao equilíbrio.

Era preciso resgatar os conceitos de *areté*, de moralidade e de bom comportamento veiculados no período arcaico pelos *aristoi* e para isso, nada melhor, de acordo com Xenofonte, do que a caça. Como este autor explica no capítulo XIII do seu tratado, esta seria a melhor forma de combater os maus ensinamentos dos sofistas em grande parte culpados, no seu dizer, pela crise de Atenas. Com a prática cigenética, o jovem e futuro cidadão aprendia a ser temperante (*sophrosýne*), o que era indispensável para o bom funcionamento da sociedade. O excesso, a *hýbris*, eram com-

batidos veementemente por todos os legisladores e cidadãos desde o período arcáico, pois eles representavam um grande perigo: o do retorno à selvageria tão duramente afastada do mundo dos humanos.

A ambição desmedida, a audácia, a falta de respeito para com os superiores fossem eles humanos ou divinos eram consideradas crimes. Como mostra Maria do Céu Fialho, o equilíbrio estava constantemente ameaçado e constituía por isso a grande preocupação de legisladores como Sólon.<sup>6</sup> Como explicou este legislador, havia uma incompatibilidade entre a *pólis* e o comportamento do audacioso. De fato, como explica Maria Fialho, o homem que cometia excessos (*hybris*) poderia destruir o frágil equilíbrio existente na sociedade e por isso tinha que ser punido.<sup>7</sup> Como explica também Alain Schnapp, a fronteira entre o mundo selvagem e a civilização era frágil e os homens incapazes de controlar seus impulsos adquiriam a forma de animais.<sup>8</sup> No IV<sup>a</sup> século, a preocupação em relação à desmedida continuava, como podemos ver em Platão, por exemplo. Afinal, explicaria este filósofo, a temperança era a base para o exercício da justiça e sem esta, a sociedade desmoronaria.<sup>9</sup> Para ele, o excesso de liberdade da democracia conduzira à intemperança e, conseqüentemente, à injustiça. Por isso, era fundamental resgatar a importância da caça em toda sua plenitude já que ela aprimorava as qualidades da alma e do corpo, como teremos a oportunidade de ver adiante. Todavia, diferentemente do que os aristocratas pregavam no período arcáico, os representantes deste grupo no IV<sup>a</sup> século acreditavam que as maiores honras deveriam ser atribuídas àqueles que fossem mais temperantes e cuja alma fosse a mais primorosa e não aos que fossem mais afortunados ou ricos. Mas quem eram os mais moderados e sábios senão os filósofos ou *aristoi*? Percebemos a partir da visão que tinham Platão, Aristoteles ou Xenofonte (entre outros) a respeito da sociedade, que o que importava para eles não era voltar ao sistema arcáico mas sim resgatar alguns valores que pudessem favorecer o retorno de Atenas à prosperidade, do equilíbrio e do seu prestígio em grande parte perdido na sociedade democrática.

Percebemos a partir da visão que tinham Platão, Aristoteles e Xenofonte (entre outros) a respeito da sociedade, que o que importava para eles não era voltar ao passado mas trazê-lo novamente à tona, resgatando alguns valores que pudessem favorecer a recuperação da prosperidade ateniense, do seu prestígio e equilíbrio.

Vejamos agora o que a caça trazia como benefícios sociais para Xenofonte. Ele começa seu tratado mostrando que a caça e os cães são uma invenção dos deuses Apolo e Ártemis. O primeiro mestre foi Chiron, que ensinou a arte da caça a muitos deuses e heróis. Como vimos, tratava-

se de uma atividade muito apreciada pelos seres valorosos que, ao praticá-la, distinguiam-se pela sua virtude.<sup>10</sup> Para este autor, a virtude era invisível mas presente em todo lugar e imortal. Ela observava a todos, punindo aqueles que cometiam maus atos e recompensando os bons, embora nem todos soubessem disto.<sup>11</sup> É difícil responder qual era o significado de *areté* para Xenofonte mas podemos dizer desde já que a virtude parecia ser a base, o arcabouço que sustentava a sociedade junto com a educação (*Paidéia*) entendida num sentido muito mais amplo do que estamos acostumados. Xenofonte explicou igualmente que a caça poderia servir de base para o aprendizado de qualquer profissão pois só continha aspectos positivos:

“Se quisermos praticar qualquer outra profissão honrosa, a caça não desvia de nenhuma, como o fazem outros prazeres desonestos”.<sup>12</sup>

É importante ressaltar que a caça para Xenofonte era igualmente prazerosa mas de uma forma benéfica porque aprimorava só o que era melhor para a sociedade, ou seja, tudo o que era defendido pela aristocracia. Assim, a caça simbolizava o bom, o melhor, a verdade, valores estes que Xenofonte queria mostrar como estando ligados ao grupo social nobre por ele representado.

Como podemos ver em Xenofonte, os caçadores eram como heróis que ao seguir escrupulosamente os ensinamentos de Chiron eram capazes de salvar sua terra e companheiros do perigo em caso de necessidade, como podemos ver a seguir:

“Todos estes heróis, que as pessoas de bem ainda amam hoje e que os maus invejam, tornaram-se tão perfeitos, graças às lições de Chiron que, se um infortúnio abatia-se sobre um Estado ou um rei na Grécia, eram eles os salvadores; e se toda a Grécia estivesse em luta ou em guerra com todos os bárbaros, era graças a eles que os gregos saíam vitoriosos, e foi graças a eles que a Grécia tornou-se invencível”.<sup>13</sup>

Poderíamos talvez a partir daí traçar a seguinte cadeia de raciocínio: os heróis “salvadores da terra dos ancestrais” eram desde o VIII<sup>o</sup> século associados aos aristocratas, sendo ambos excelentes caçadores como atestam os poemas de Homero e o tratado de Xenofonte. Seria portanto válido afirmar a partir daí que este último estava tentando reavivar na memória dos cidadãos a idéia de que os nobres, devido à sua própria descendência e à sua aprendizagem aprimorada, eram superiores e portanto os melhores. Na ótica dos *aristoi* supra-citados, ao retomar mesmo que parcialmente esse conceito, Atenas tinha boas chances de reconquistar seu prestígio perdido naquele momento de crise. Acreditamos que esta

uma estratégia ideológica por parte dos aristocratas em vistas de recuperar seu prestígio. Para assemelhar-se a um herói, o jovem deveria pôr em primeiro lugar a caça no seu processo de aprendizagem, como explica Anderson, afastando-se sempre que possível dos sofistas que somente contribuíam para arruinar o corpo e a alma.<sup>14</sup>

A caça incutia também naqueles que a praticavam o amor ao trabalho no sentido de despertar talentos, o que era fundamental em qualquer profissão pois só tendo amor e dedicação pelo que se fazia é que se chegava à perfeição.

Assim, Xenofonte parecia afirmar como Hesíodo que o ócio e a preguiça só poderiam trazer a ruína para a sociedade.<sup>15</sup> Da mesma forma, acreditamos que, se as funções políticas assim como qualquer outra profissão não fossem levadas a sério e com amor, o resultado poderia ser catastrófico. Será que não era essa a mensagem que Xenofonte queria passar ao reavivar alguns valores “arcáicos” aristocráticos ou não? E o que dizer então da disciplina, da bravura, da ordem, da memória e do respeito aos superiores? Sem ordem e disciplina, sem obediência ao chefe que por ser mais experiente tem provavelmente mais sabedoria, a caça estaria fadada ao fracasso. E a memória? ela era fundamental para selecionar a tradição heróica, para reconhecer o lugar onde os animais a serem capturados estavam escondidos, assim como seus hábitos e suas características próprias. E isso era transposto na hora de desempenhar um cargo importante ou de ser um bom guerreiro. Para combater a selvageria e a conduta excessiva que poderiam levar à ruína da sociedade, Xenofonte fala igualmente da importância de tornar os jovens verdadeiros e moderados:

“Os caçadores viram que entre os prazeres da juventude, a caça era o único a proporcionar uma série de vantagens, já que ele torna os jovens temperantes e justos, educando-os na escola da verdade”.<sup>16</sup>

Finalmente, encontramos em Xenofonte a ênfase nas qualidades morais que o jovem poderia adquirir com a caça. O autor privilegia a piedade e a solidariedade.

Assim como era o caso no VIII<sup>o</sup> século (como podemos ver, por exemplo, nos poemas de Homero), os atenienses davam muita importância à religião e ao poder dos deuses sobre os seres humanos.

Por isso era essencial respeitá-los e venerá-los com libações e oferendas. No caso específico da caça a deusa para qual se dirigia a maior parte senão a totalidade das preces e rituais era Ártemis já que foi ela que inventou a prática da caça, como Xenofonte explica no início do seu tratado. Apolo era também reverenciado porque foi igualmente o criador da

cigenética. Os deuses, diz Xenofonte, gostavam de caçar e de ver caçar e portanto, os jovens que se dedicavam a tal atividade seriam amigos dos divinos e cheios de religiosidade.<sup>17</sup> Cientes de que os deuses vigiavam seus atos, era necessário oferecer os primeiros frutos da caça a Apolo e Ártemis, como prova de respeito e subordinação.<sup>18</sup> Era igualmente proibido caçar em lugares cultivados.

Assim, pelo que podemos constatar nessas recomendações, desrespeitar a natureza era passível não só de castigo divino mas também (e talvez principalmente) de castigo da sociedade através da *dike*. Seria talvez importante relembrar que mesmo a justiça escrita do Vº século, a *dike*, tinha um cunho religioso e estava ligada a ela, o que comprovaria, como explicou Paul Veyne, que os gregos eram profundamente religiosos. Era preciso respeitar as leis pois, como explica Alain Schnapp, “A cidade ordenada, regulada nas relações harmoniosas que fundamentam a política, a boa política, opõe-se à cidade em crise, vítima das facções, das discórdias selvagens e da luta entre partidos”.<sup>19</sup> A caça seria então uma forma de fazer com que os cidadãos daquela democracia em crise voltassem a respeitar a legislação e a justiça, de acordo com Xenofonte, Platão e Aristóteles, entre outros. De fato, os autores acentuavam o desacato às normas como sendo um das causas que justificariam a situação deplorável na qual Atenas se encontrava. Eles não eram a favor da democracia mas acreditavam que ela era preferível à situação caótica em que Atenas se encontrava no IVº século aC.

Como foi dito anteriormente, havia um outro valor fundamental para o bom convívio em sociedade e que era ensinado quando da prática da caça, a saber: a solidariedade. De fato, Xenofonte aconselhava fortemente os jovens a caçarem em grupos com o objetivo de evitar acidentes que poderiam ser fatais, sobretudo no que diz respeito à caça ao javali.

Falou-se a respeito dos benefícios morais que a prática cigenética poderia proporcionar àqueles que se dedicassem ao esporte. E quanto aos benefícios físicos? Como explica Anderson, Xenofonte enfatizou no seu tratado a importância da caça porque ela trazia saúde para o corpo, permitia uma melhora da visão e da audição, sendo além disto um antídoto contra a velhice e um excelente treino para a arte de guerrear. De fato, os homens acostumados a caçar animais selvagens poderiam aguentar longas jornadas durante os conflitos. Estariam também habituados a dormir pouco e a ser bons guardiões. Poderiam finalmente combater em qualquer tipo de terreno por estar acostumados a isso na caça, como poderemos ver adiante em um trecho do tratado de Xenofonte.<sup>20</sup>



A prática cigenética pressupunha por parte daquele que a ela se dedicava agilidade, fundamental na hora de perseguir os animais e também os inimigos, assim como vigor suficiente para resistir ao cansaço.<sup>21</sup> Era preciso ser bom na corrida para perseguir a lebre assim como para combater o inimigo. Vemos portanto que Xenofonte traçou um nítido paralelismo entre a caça e a guerra.

A caça, ao que parece, estava realmente na base de tudo. Todos deviam praticá-la, como foi dito no começo deste artigo mas somente os heróis eram capazes de cumprir os maiores feitos; e quem eram esses heróis? Os nobres, de acordo com as fontes literárias e iconográficas. Alain Schnapp explica que falar da caça dos heróis tinha um motivo ideológico bastante explícito:

“Para representar o herói, é preciso confrontá-lo aos homens que compõem a cidade. Estes fazem a guerra, sacrificam, caçam: neste contexto, o herói deve distinguir-se pelo seu feito. Este condensa todas as virtudes e todos os perigos da ação humana; ele representa de uma certa forma o ato exemplar”.<sup>22</sup>

Resta saber se os cidadãos comuns faziam esta associação ou não já que, como explica ainda Alain Schnapp, a caça do herói era diferente da caça praticada pelos nobres.<sup>23</sup> De acordo com François Lissarrague, esta associação poderia ser feita pelo menos pelos pintores de vasos já que, para este autor, as imagens eram uma construção do real ou, mais precisamente, cada representação era uma construção, a partir de um número de elementos restritos, e uma interpretação do real pelo artista, o produto de sua própria leitura da realidade que o cercava.<sup>24</sup> Portanto, se nos vasos podíamos ver caçadores solitários atacando um javali de frente, esta era a realidade construída pela imagética, sendo assim a mensagem do escritor diferente da do pintor.

Para explicar isto, seria talvez importante justapor uma cena representada em uma taça ática de figuras vermelhas datada da segunda metade do V<sup>o</sup> século (Prancha I) com um trecho do tratado de Xenofonte. Ambos falam a respeito da caça ao javali, mas existe uma nítida oposição entre a imagem e as palavras: a primeira representa um jovem caçando sozinho um javali. Já Xenofonte explica na sua obra que os caçadores devem perseguir os javalis em grupo pois trata-se de um animal muito perigoso e que, por isso, pode matar facilmente um homem.<sup>25</sup> Na imagem, o javali parece estar correndo e não está preso a nenhuma armadilha. Já Xenofonte fala que as redes são fundamentais para aprisionar o animal antes que o caçador possa se aproximar para abatê-lo com uma lança.<sup>26</sup> Além disto, é

fortemente aconselhável que ele não se aproxime desprotegido do animal nem o enfrente. Aparentemente, a única semelhança existente entre a figura e os relatos é no que diz respeito à vestimenta: é preciso usar roupas leves e gastas, explica Xenofonte,<sup>27</sup> o que parece ter sido seguido pelo homem pintado no vaso. O que poderíamos deduzir a partir daí? Talvez que a mensagem pictórica se constitui de signos e gramática diferentes. Como explica Ciro Flamarion, devemos ter consciência de que toda representação da realidade é uma manifestação ideológica.<sup>28</sup>



Taça Ática, figuras vermelhas. New York, Metropolitan Museum of Art. Inv. 41.162.9. Proveniência: Não é fornecida. Pintor: Pentesileia. Data: 475-450 a.C.

Podemos ver a partir daí que existiam dois tipos de caça que costumavam ser representadas pela literatura e pelos artistas: a caça nobre, praticada pelos aristocratas e relatada no tratado de Xenofonte e a caça heróica, abundantemente presente nas representações imagéticas. A caça de subsistência e como meio de proteção contra os animais selvagens existia provavelmente mas parece não ter sido citada nos documentos a nós acessíveis.

Em outra representação iconográfica também do V<sup>o</sup> século, vemos um homem a cavalo combatendo sozinho um javali (Prancha 2). Poderia-se deduzir que trata-se de um guerreiro já que ele tem um elmo. Percebemos que o caçador está a cavalo, informação que nos auxilia a deduzir que o que era pintado nos vasos não era a realidade mas sim uma visão, uma ideologia transmitida pelo artista. Segundo Anderson, era improvável que

neste momento se praticasse ainda a caça montado porque a agricultura intensiva e os novos tipos de cultivo não facilitavam a cavalgada e porque, além disso, era proibido danificar tudo que fosse bom para a sociedade e pudesse representar a "civilização".<sup>29</sup> Era possível caçar nos campos abertos, espaço do selvagem, mas jamais em lugares ocupados pela "civilização".

Como explica Starr, a areté aristocrática podia ser mostrada de várias formas, como caçando a pé com alguns cães.<sup>30</sup> Porém, se isto for verdade, então poderíamos talvez dizer que a imagem neste momento analisada não representava a caça nobre mas sim um outro tipo de caça por nós estudado em nossa monografia de final de curso: a caça heróica. E de acordo com Pottier, é justamente o que ocorre: estaríamos na verdade diante de Teseu combatendo a javalina de Crommyon ou talvez de Meleagro lutando contra o javali de Calydon. Mais uma vez, os únicos aspectos que parecem levar ao que é descrito por Xenofonte são a vestimenta: uma túnica curta fina, e a lança. De qualquer forma, se os aristocratas costumavam sempre ser associados aos heróis na literatura de Homero cujos versos, é importante lembrar, eram aprendidos de cor por todas as crianças atenienses, era bem provável que graças a essas imagens, os nobres pudessem recuperar nem que fosse uma parcela do seu prestígio. Finalmente não podemos esquecer que, como explica Yvon Garlan, possuir um cavalo na Grécia era um sinal evidente de riqueza e que pertencer à cavalaria, uma distinção social.<sup>31</sup>



Taça ática, figuras vermelhas. Paris: Musée du Louvre. Inv.G.623.  
Proveniência: Etrúria. Pintor: Próximo do pintor de Londres E 105.  
Data: 2ª metade do século V.

Analizamos outros vasos que valorizavam a caça individual, heróica e portanto passível de ser associada à aristocracia.

Vimos através dessas imagens e de algumas passagens do tratado de Xenofonte que a caça ao javali da forma como era representada nos vasos era bem diferente da forma como ela parecia ser praticada pelos nobres nos textos de Xenofonte. Poderíamos a partir daí perceber uma certa oposição entre as imagens e a fala de Xenofonte. O objetivo de ambos era ideológico e pretendia ressaltar valores considerados superiores. Aonde residiria então a diferença? Acreditamos que, enquanto na maioria dos casos as imagens representavam cenas heróicas em que os caçadores apareciam praticando a atividade sozinhos ou sem armadilhas, no tratado de Xenofonte o que era fortemente aconselhado, inclusive para os nobres era a caça em grupos com o auxílio de armas e armadilhas. A equiparação dos *aristoi* aos heróis se fazia então de forma figurada, através das imagens e dos valores ressaltados por Xenofonte e associados a esse grupo social.

Percebemos através dos relatos de Xenofonte que os aristocratas acreditavam ser intermediários entre os cidadãos comuns e os heróis ou deuses. Associando o *aristos* ao herói, como parece ter feito Homero, eles procuravam mostrar o porquê dos seus valores serem os melhores.

O que mais poderíamos encontrar de idealizado nos vasos? Segundo Alain Schnapp, o aspecto mais enfatizado era a juventude, que subentendia a virilidade, a força, a beleza e muitas outras características que justamente são as que foram enfatizadas no tratado de Xenofonte. A perfeição física dos corpos assemelhava esses jovens aos heróis que nunca envelheciam.<sup>32</sup> Assim, parece-nos, embora não possamos afirmá-lo, que a veiculação destas imagens era uma forma de resgatar os valores que os nobres consideravam positivos da velha sociedade arcaica e aristocrática. A representação da juventude eterna, de corpos e almas perfeitos, isto sim na mente de alguns filósofos como Platão e Aristóteles seria indispensável para reconquistar o lugar perdido com a democracia por esse grupo social.

Assim, devemos atentar para o fato de que tanto a iconografia quanto a literatura podiam estar de uma certa forma passando uma mensagem condizente com os objetivos ideológicos da classe dominante que acreditamos ser a que sempre controla o sistema. Agora, poderíamos nos perguntar porque a literatura e as imagens de vasos que circulavam no período clássico em Atenas representavam a ideologia da aristocracia se o grupo social dominante naquele momento era o dos democratas. Haveria uma contradição? Acreditamos que não existe uma porque os aristocratas per-

deram grande parte do seu poder político e econômico quando da implantação da democracia, mas a nível das idéias muitos valores permaneceram circulando na sociedade. Sabemos que estes não são tão facilmente trocados dentro de um sistema. É muito mais difícil mudar a mentalidade das pessoas de uma hora para outra do que regimes políticos ou econômicos. Percebemos através do teatro e da filosofia, por exemplo, o quanto era difícil esquecer toda a tradição aristocrática que perdurara durante séculos. É claro que aos poucos, as idéias democráticas foram tendo mais respaldo a ponto de estarem presentes nos meios aristocráticos (como vimos através de algumas respostas de Platão e Aristóteles), mas fica difícil imaginar que a ideologia aristocrática pudesse ter desaparecido pelo simples fato daquele grupo não ser mais o que liderava na política. Acreditamos enfim que mudanças a nível político e econômico podem ocorrer facilmente mas as idéias podem perdurar e continuar influenciando as mentes por muito tempo.

O que era necessário naquele momento, como já foi dito diversas vezes, era conciliar o “velho” e o “novo” e acreditamos que foi isso que os filósofos do IV<sup>o</sup> século procuraram fazer. Haviam falhas em ambos os sistemas e por isso era preciso encontrar um novo modelo talvez não perfeito, ideal, como acreditava Platão, mas um sistema que, baseado nos aspectos positivos tanto da democracia quanto da aristocracia, pudesse garantir a prosperidade da sociedade. É claro que como membros da facção aristocrática, a tendência dos filósofos e de Xenofonte era defender o modelo de ensino e de vida tradicional, daí o desejo de retorno à prática da caça como esta era praticada no período arcáico ou pelos heróis, mesmo que fosse somente a nível ideológico. Como podemos ver ao longo deste trabalho, a prática cigenética continha uma série de valores que poderiam corrigir a “rota” e retirar Atenas da situação de crise na qual ela se encontrava. Acreditamos que os *aristoi* procuraram resgatar a idéia de que eles eram superiores por questão de sobrevivência mas também porque eles estavam convencidos que, apesar de todas as falhas cometidas pelo seu grupo, eles eram os melhores.

Pudemos constatar em nossa pesquisa que as representações de caça ao javali pelo menos no que diz respeito ao V<sup>o</sup> século eram majoritárias. Já a caça a lebres e cervos que provavelmente era praticada no dia a dia (embora não possamos comprová-lo) representa 39% do total. No tratado de Xenofonte, fala-se sobretudo de caça ao lebre e, com uma importância secundária, de caça ao javali. Como explicar esse contraste entre as imagens e os relatos deste autor? E, sobretudo, por que no V<sup>o</sup> século a temática do javali volta na imagética? Como tentamos mostrar ao longo deste tra-

balho, acreditamos que isto era uma tentativa de recuperar ou manter alguns valores arcaicos que se faziam necessários também em um regime democrático como a coragem, a virilidade, a solidariedade e a disciplina. Mostrando como atuavam os caçadores heróicos, frequentemente solitários e dotados de uma imensa bravura, eles procuravam construir um modelo de comportamento para a sociedade.

Será que a tentativa por parte deste grupo limitado de recuperar seu prestígio obteve frutos? Será que as “falhas” do sistema democrático foram corrigidas e que foram encontrados o equilíbrio e a prosperidade perdidos devido aos excessos do novo regime? Neste trabalho, procuramos dar nossa contribuição embora de forma alguma tenhamos esgotado o assunto. Procuramos nos ater somente aos meios encontrados pelos aristocratas tanto artísticos quanto literários para realizar o que parecia ser uma façanha: voltar a dominar a sociedade mesmo que fosse somente a nível ideológico.

### Notas

<sup>1</sup> CAMBIANO, GIUSEPPE. “Devenir homme” in: *L'Homme Grec*. Paris: Éditions du Seuil, 1993. pp121-122.

<sup>2</sup> SCHNAPP, ALAIN. *La duplicité du chasseur. Comportement juvénile et pratique cygénétique en Grèce ancienne aux époques archaïque et classique*. Paris: EHESS, 1987. p17.

<sup>3</sup> Idem. p164.

<sup>4</sup> XÉNOPHON. *De la chasse*. Paris: Éditions Garnier Frères, s.d.. Chapitre I, 18.

<sup>5</sup> Idem. Chapitre I, 2.

<sup>6</sup> FIALHO, MARIA DO CÉU. “A pedagogia pela loucura no *Ájax* de Sófocles” in: *Humanitas*. Volume XLVII. Tomo I. Revista do Instituto de Estudos Clássicos da faculdade de letras da Universidade de Coimbra, 1995. p99.

<sup>7</sup> Idem. p101.

<sup>8</sup> SCHNAPP, ALAIN. “La morale de la chasse en Grèce ancienne: éthique du citoyen ou école du tyran?” in: XIII rencontre internationale d'archéologie et d'histoire d'Antibes. IV colloque international de l'homme et de l'animal. Société de recherche interdisciplinaire. Sous la direction de Jean Desse et Frédérique Audoin-Rouzeau. Juan Les Pins: Éditions APDCA, 1993. pp382 et 397.

<sup>9</sup> PLATON. *Oeuvres Complètes. Les Lois*. Chapitre XIII. Paris: Librairie Garnier Frères, 1946.

- <sup>10</sup> XÉNOPHON. *De la Chasse*. Op.Cit. Chapitre Premier, 1-5.
- <sup>11</sup> Idem. Chapitre XII, 19-22.
- <sup>12</sup> Idem. Chapitre XII, 8.
- <sup>13</sup> Idem. Chapitre I, 17.
- <sup>14</sup> ANDERSON, J.K. "The technique of Greek hunting" in: *Hunting in the ancient world*. Berkeley: University of California, 1985. p30.
- <sup>15</sup> XÉNOPHON. *De la Chasse*. Op.Cit. Chapitre XII, 7.
- <sup>16</sup> Idem. Chapitre XIII, 17.
- <sup>17</sup> Idem. Chapitre VI, 13.
- <sup>18</sup> Idem. Chapitre V, 13.
- <sup>19</sup> SCHNAPP, ALAIN. "La morale de la chasse en Grèce ancienne: éthique du citoyen ou école du tyran? ". Op.Cit. p401.
- <sup>20</sup> ANDERSON, J.K. Op.Cit. p17.
- <sup>21</sup> Idem. Chapitre II, 3.
- <sup>22</sup> SCHNAPP, ALAIN. "Héraclès, Thésée et les chasseurs: les ambiguïtés du héros" in: *Images et société en Grèce ancienne*. Actes du colloque international de Lausanne (8-11 février 1984). Institut d'archéologie et d'histoire ancienne. Université de Lausanne, 1987. Op.Cit. p121.
- <sup>23</sup> Idem. p122-123.
- <sup>24</sup> LISSARRAGUE, FRANÇOIS. *L'Autre guerrier: archers, peltastes, cavaliers dans l'imagerie attique*. Paris-Rome: Éditions La Découverte-École Française de Rome, sans date. p2-3.
- <sup>25</sup> XÉNOPHON. *De la chasse*. Op.Cit. Chapitre X, 3.
- <sup>26</sup> Ibidem. 7.
- <sup>27</sup> Idem. Chapitre VI, 11.
- <sup>28</sup> CARDOSO, CIRO FLAMARION SANTANA E JÚNIOR, ANTÔNIO RIBEIRO DE OLIVEIRA. *Também com a imagem se faz história*. Cadernos do ICHF, número 32, setembro de 1990. p29.
- <sup>29</sup> ANDERSON, J.K. "Schooling and ordinary equitation" in: *Ancient Greek Horsemanship*. Berkeley: University of California Press, 1961. p101.
- <sup>30</sup> STARR, CHESTER. G. *The aristocratic temper of Greeek civilization*. New York: Oxford University Press, 1992. p37.
- <sup>31</sup> GARLAN, YVON. "L'homme et la guerre" in: *L'homme Grec*. Sous la direction de Jean-Pierre Vernant. Paris: Éditions du Seuil, 1993. p84.
- <sup>32</sup> Ibidem.

## **Bibliografia**

### *A) Documentação textual*

PLATON. *Oeuvres Complètes. Les Lois*. Tome Sixième. Paris: Éditions Garnier Frères, 1946.

XÉNOPHON. *De la chasse*. Paris: Éditions Garnier Frères, s.d..

### *B) Documentação Arqueológica*

POTTIER, E. *Vases antiques du Louvre*. Paris: Hachette, 1922. pp295-296- fig.pl.158; BEAZLEY, J.D. ARV (1963). 1294.

RICHTER, GISELA M.A. *Attic Red-Figured Vases. A Survey*. New York: Yale University Press, 1958, p98: fig.70; BEAZLEY, J.D. ARF. (1963) 882, 39. CVA-Hoppin and Gallant Collections, fasc. unique-USA, fasc.1, 1926 (pl.19-fig.1).

### *C) Bibliografia*

ANDERSON, J.K. "The technique of Greek hunting" in: *Hunting in the ancient world*. Berkeley: University of California, 1985.

\_\_\_\_\_. "Schooling and ordinary equitation" in: *Ancient Greek Horsemanship*. Berkeley: University of California Press, 1961.

CARDOSO, CIRO FLAMARION SANTANA E JÚNIOR, ANTÔNIO RIBEIRO DE OLIVEIRA. *Também com a imagem se faz história*. Cadernos do ICHF, número 32, setembro de 1990.

CAMBIANO, GIUSEPPE. "Devenir homme" in: *L'Homme Grec*. Paris: Éditions du Seuil, 1993

FIALHO, MARIA DO CÉU. "A pedagogia pela loucura no Ajax de Sófocles" in: *Humanitas*. Volume XLVII.

Tomo I. Revista do Instituto de Estudos Clássicos da faculdade de letras da Universidade de Coimbra, 1995.

GARLAN, YVON. "L'homme et la guerre" in: *L'homme Grec*. Sous la direction de Jean-Pierre Vernant. Paris: Éditions du Seuil, 1993



LISSARRAGUE, FRANÇOIS. *L'Autre guerrier: archers, peltastes, cavaliers dans l'imagerie attique*. Paris-Rome: Éditions La Découverte-École Française de Rome, sans date

SCHNAPP, ALAIN. *La duplicité du chasseur. Comportement juvénile et pratique cygénétique en Grèce ancienne aux époques archaïque et classique*. Paris: EHESS, 1987.

---

\_\_\_\_\_. "La morale de la chasse en Grèce ancienne: éthique du citoyen ou école du tyran?" in: *XIII rencontre internationale d'archéologie et d'histoire d'Antibes. IV colloque international de l'homme et de l'animal. Société de recherche interdisciplinaire*. Sous la direction de Jean Desse et Frédérique Audoin-Rouzeau. Juan Les Pins: Éditions APDCA, 1993.

---

\_\_\_\_\_. "Héraclès, Thésée et les chasseurs: les ambiguïtés du héros" in: *Images et société en Grèce ancienne*. Actes du colloque international de Lausanne (8-11 février 1984). Institut d'archéologie et d'histoire ancienne. Université de Lausanne, 1987.

STARR, CHESTER. G. *The aristocratic temper of Greeek civilization*. New York: Oxford University Press, 1992.